

Organizada em 1978, a seção DF da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD) aglutinou a categoria em Brasília e tem encaminhado, com crescente sucesso, as reivindicações dos realizadores candangos

## A ABD-DF ORGANIZOU A CLASSE



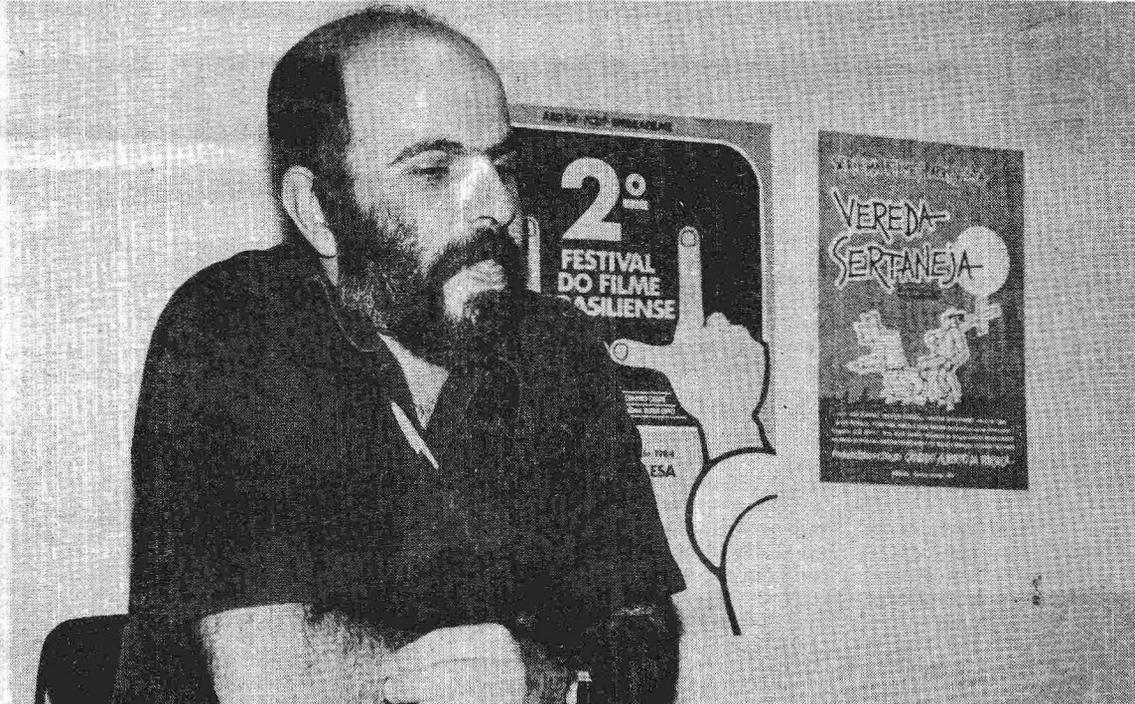
Entre as entidades da classe cinematográfica, a Associação Brasileira de Documentaristas (ABD) é uma das mais fortes e organizadas. Seu surgimento está vinculado à luta pela valorização do curta-metragem, área da produção cultural que ainda hoje costuma ser marginalizada e posta em segundo plano pelos órgãos oficiais de cinema. Essa discriminação fica mais evidente se compararmos com a atenção dispensada à área do filme comercial.

A ABD foi criada no Rio de Janeiro, em 1971. Os curtemetragistas resolveram se unir em torno de uma entidade que lutasse pela colocação de seus filmes no mercado. A distribuição era a questão crucial. Dois anos depois, durante a II Jornada Brasileira de Curta-Metragem, em Salvador, a ABD transforma-se em entidade nacional. Afinal, era preciso que todos se unissem e estivessem representados na luta pela conquista de uma legislação que regulamentasse o mercado para o curta-metragem.

"Está fundada a ABD — Associação Brasileira de Documentarista. Esta será a entidade de âmbito nacional que reunirá todos os cineastas e entidades brasileiras ligadas ao movimento dos filmes documentários, de curta e média metragem, culturais e de arte. Pugnará a ABD pelo alconce de objetivos específicos do interesse de seus membros e do cinema nacional; servirá como centro polarizador da energia criadora de um dos mais importantes setores da cinematografia brasileira e atuará sempre em nome e a favor de um cinema como veículo cultural" — dizia o documento.

### ABD EM BRASÍLIA

Em Salvador, o documentarista Vladimir Carvalho foi indicado para representar a ABD em Brasília e



O montador Marcio Curi, 2 vezes presidente da ABD/DF

coordenar os trabalhos para sua fundação. Não foi fácil. Com muita persistência, foi juntando os que se iniciavam no cinema — muitos, inclusive, eram seus ex-alunos — em torno da idéia de uma associação que lutasse por uma estrutura mínima de produção.

A seção regional da ABD, instalada em 78, tornou-se a entidade representativa de um setor que se via como uma coisa diferente e solidária diante da falta dos meios de produção.

A criação da ABD/DF constituiu-se num saldo importante para a consolidação do cinema candango. A Assembléia de sua fundação, em outubro de 1978 no Teatro Galpãozinho, é uma data histórica para os cineastas brasilienses. Mais de trinta realizadores — entre iniciantes e veteranos como Vladimir Carvalho, Geraldo Sobral, Geraldo Moraes, Alberto Cavalcanti, Marcio Curi — votaram seu

estatuto e elegeram sua primeira diretoria. Marcio Curi encabeçou a chapa que dirigiu até 1979 a ABD/DF.

Em Brasília, a Associação Brasileira de Documentaristas adquiriu peculiaridades que a diferenciam das outras ABD's, sobretudo as do Rio e São Paulo. Nestes dois Estados, enquanto os cineastas brigavam por um espaço para exibição de seus filmes, aqui o processo era outro. A questão crucial era a produção.

Por este motivo, além de se engajar na luta do curta a nível nacional, a ABD/DF se empenhou, desde a sua criação, em mobilizar as pessoas em torno de uma bandeira: implantar em Brasília um parque de equipamentos que desse aos cineastas condições mínimas para realizar seus filmes. Marcio Curi sintetiza a atuação da entidade neste seu primeiro ano:

— Na gestão 78/79, promove-

mos várias assembléias, até o processo culminar numa grande mobilização. Esta mobilização configurou-se numa campanha junto à FCDF e à Funarte (dirigida por Roberto Parreira na época) no sentido de solicitar uso produtivo de equipamentos que estavam encostados na cidade. Além disso, elaboramos normas para sua utilização e um projeto de coprodução que, porém, foram ignoradas. Promovemos um curso de cinema com o Centro de Criatividade que também foi muito importante. A FCDF continuou não nos ouvindo. Então, a partir daí, tornamos público o nosso protesto contra o desprezo com que a associação e a classe vinha sendo tratadas. Nesta época nos engajamos num movimento de entidades que desejavam mudanças na direção da Fundação Cultural. Por isso, o trabalho da ABD junto a este órgão ficou cada vez mais difícil. Contudo, pessoas ligadas à Embrafilme reconheceram que nosso projeto era excelente. Nenhuma ABD brasileira tinha proposto algo parecido. Nós detonamos a discussão dos pólos cinematográficos e promovemos o I Encontro Nacional das ABD's.

Depois de anos e anos de muita negociação e proposta não foi possível se chegar a um acordo sobre a utilização democrática dos equipamentos pertencentes à FCDF. No entanto, com a Embrafilme em 1983, a ABD/DF assina convênio e recebe um pequeno parque de equipamentos que transformou-se em CEPROCINE. Este Centro virou modelo para várias outras ABD's que hoje também estão na luta pela descentralização da produção e reivindicam meios para realizar seus filmes, sem depender diretamente do eixo Rio/São Paulo. O Ceprocine é mantido com a ajuda da FCDF.

A ABD/DF sempre percorreu esses dois caminhos. Era importante não se descaracterizar como entidade política e permanecer sintonizada com todas as questões que envolvem o filme cultural, participando ativamente de todas as discussões de política cinematográfica. Foi assim que ela



conseguiu vitórias importantes, se fortaleceu e hoje é, sem dúvida, entre todas a mais organizada.

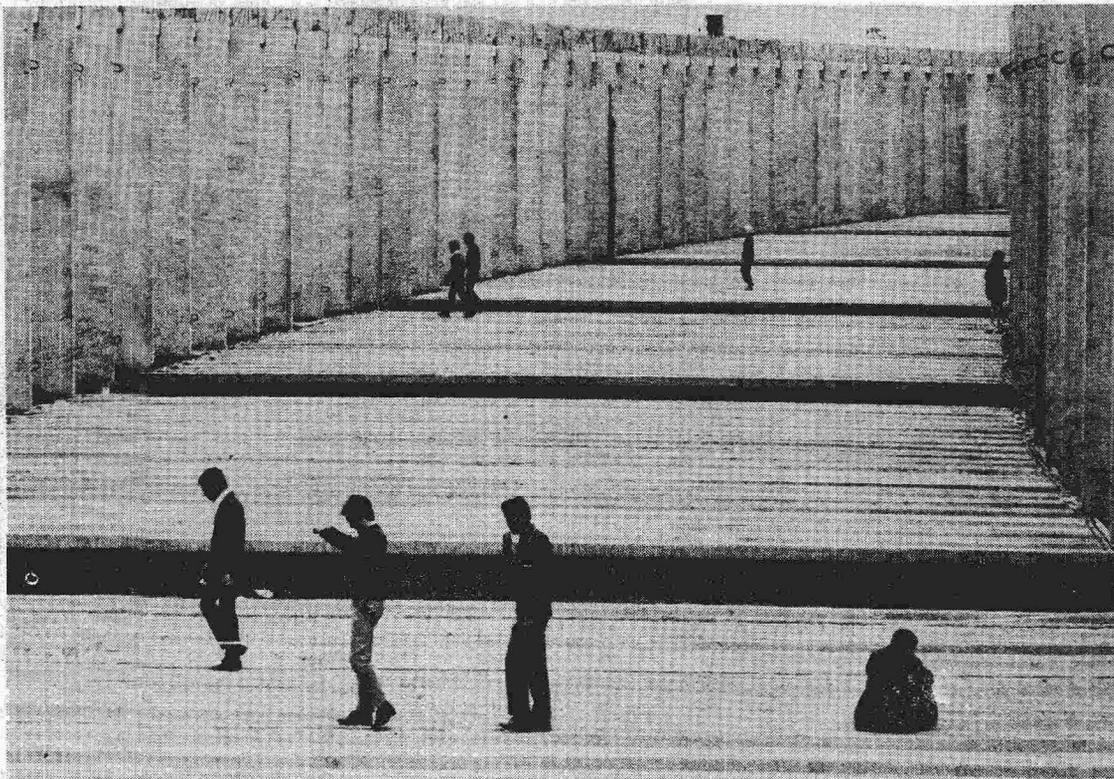
### CONQUISTAS

Em 1981, na gestão de Vladimir Carvalho, Brasília foi sede de mais um encontro nacional de ABD's. Naquela ocasião, as discussões giravam em torno da criação do CEPROCINE, uma reivindicação antiga da classe. O resultado concreto dessa reunião, foi a edição pela ABD/DF do livro "Em Pro do Curta-Metragem", que hoje tornou-se uma espécie de bíblia dos curtemetragistas.

Ainda nesta mesma gestão, foi criado o Festival do Filme Brasiliense. A idéia era a de reunir num evento como este as últimas produções do cinema candango e permitir ao público a constatação de que a atividade cinematográfica na cidade era (é) significativa e não poderia continuar sendo ignorada pelos órgãos locais de cultura. Foi um festival independente e cumpriu, com sucesso absoluto, todas as suas finalidades. Ano passado, na gestão de Marcio Curi, aconteceu a II versão deste evento, com algumas novidades: houve mostras do filme da região Centro-Oeste e de VTs produzidos em Brasília.

Uma outra realização da ABD/DF que merece destaque é o Curso Teórico Prático, realizado em 1983 quando a entidade era presidida por José Acioli. O curso trouxe à Brasília nomes importantes da cinematografia brasileira (Joaquim Pedro de Andrade, Joaquim Assis, Jean Claude Bernardet, Ismail Xavier, Hermano Penna, e outros) e conseguiu reunir um número considerável de pessoas interessadas em cinema.

Ano passado, Marcio Curi realizou um dos mais importantes trabalhos à frente da ABD. Promoveu a integração de todas as ABD's fora do eixo Rio/São Paulo transformando essa união numa força concreta junto à Embrafilme e Concine. Em todas as discussões e comissões Brasília esteve representada e lutou pela conquista de espaço para os cineastas distantes destes dois centros e que, com certa frequência, se viam esquecidos e desprezados. O resultado concreto dessa união é que a cada trimestre o concurso de roteiro promovido pela Embrafilme não beneficia mais apenas cariocas e paulistas. A distribuição dos prêmios está sendo justa e obedece a um sistema de quota proposta, inclusive, pela ABD/DF.



Vestibular 70, um clássico do documentário